

Em nome de João

Fábio Freitas Ferreira

Em nome de João



Em nome de João

Copyright © 2013, Fabio Freitas Ferreira
Todos os direitos são reservados no Brasil



O AUTOR responsabiliza-se inteiramente pela originalidade e integridade do conteúdo da sua OBRA, bem como isenta a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente da violação de direitos autorais ou direitos de imagem contidos na OBRA, que declara, sob as penas da Lei, ser de sua única e exclusiva autoria.

PoD Editora

Rua do Catete, 90 / 202 • Catete – Rio de Janeiro
Tel. 21 2236-0844 • atendimento@podeditora.com.br
Faça seu pedido pelo site: www.podeditora.com.br

Diagramação e Capa:
Fabio Freitas Ferreira

Impressão e Acabamento:
Control C – Impressos sob Demanda

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação, nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização do autor.

Ficha Catalográfica

Ferreira, Fabio Freitas

Em nome de João/ Fabio Freitas Ferreira. 1. ed. – Rio de Janeiro : PoD Editora, 2013.

126 p. ; 21 cm.

ISBN: 978-85-8225-017-4

1. Conto brasileiro. I. Título.

19.04.13

21.04.13

Dedico este livro a todos que morreram ou que de alguma forma sofrem por causa do tráfico de drogas.

Agradeço a minha esposa, Fernanda, pela primeira leitura e colaborar na primeira revisão deste livro. Também aos meus cunhados Maurício e Ingrid por revisarem e darem sugestões, e ao meu grande amigo de infância Fabiano, pela revisão e sugestões.

"Você é livre para fazer suas escolhas, mas é prisioneiro das consequências."

Pablo Neruda

“Hoje, neste tempo que é seu, o futuro está sendo plantado. As escolhas que você procura, os amigos que você cultiva, as leituras que você faz, os valores que você abraça, os amores que você ama, tudo será determinante para a colheita futura.”

Padre Fábio de Melo

“Coisas ruins não são o pior que pode nos acontecer. O que de pior pode nos acontecer é NADA.

Uma vida fácil nada nos ensina. No fim, é o que aprendemos o que importa: o que aprendemos e como nos desenvolvemos.

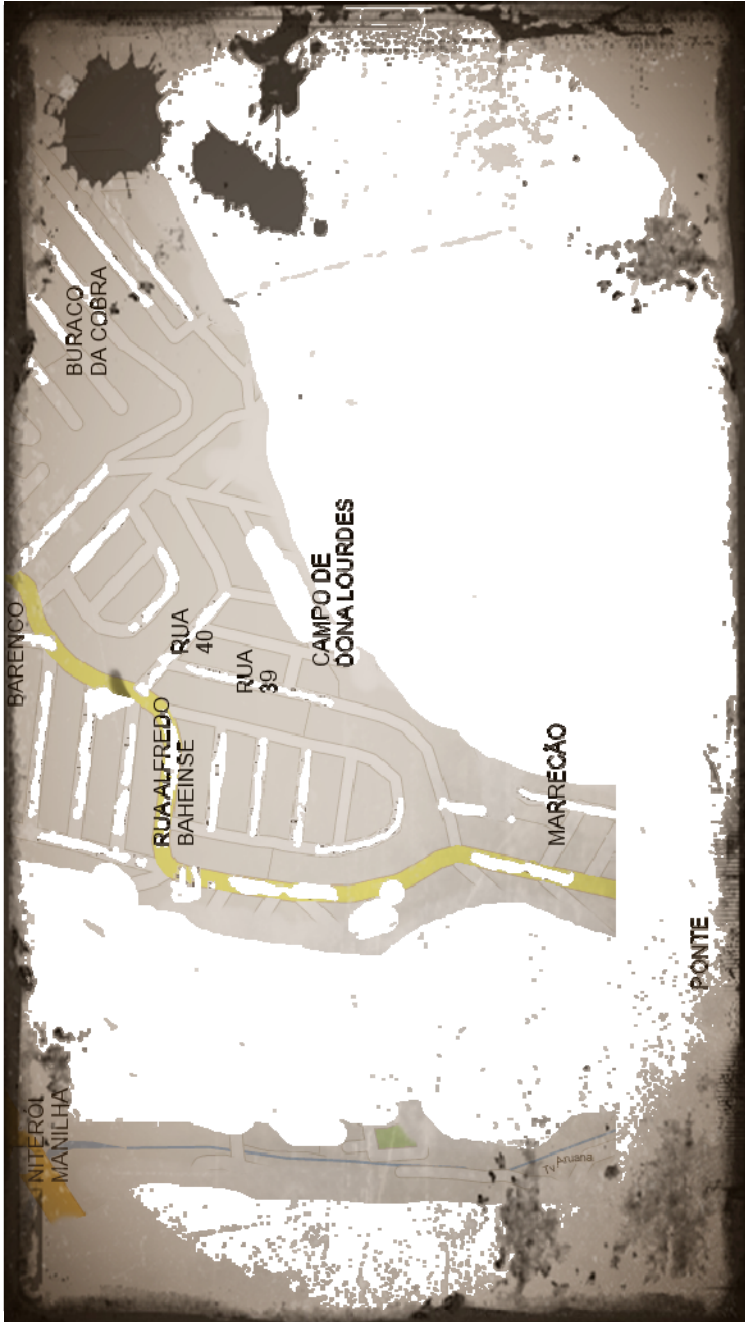
Traçamos nossas vidas pelo poder de nossas escolhas. Quando nossas escolhas são feitas passivamente, quando não somos nós mesmos que traçamos nossas vidas, nos sentimos frustrados.

Uma pequena mudança hoje pode acarretar-nos um amanhã profundamente diferente. São grandes as recompensas para aqueles que têm a coragem de mudar, mas essas recompensas acham-se ocultas pelo tempo.

Geramos nossos próprios meios. Obtemos exatamente aquilo pelo que lutamos. Somos responsáveis pela vida que nós próprios criamos. Quem terá a culpa, a quem cabe o louvor, senão a nós mesmos? Quem pode mudar nossas vidas, a qualquer tempo, senão nós mesmos?

Deus sabe que isto é verdade.”

Richard Bach



Prólogo

São Gonçalo, que ficou conhecida como a *Manchester* Fluminense por causa das instalações de grandes fábricas e indústrias nas décadas de quarenta e cinquenta, e chegou a ter o maior parque industrial do Estado, tornou-se uma cidade grande, em extensão e população. Enquanto acontecia a segunda guerra mundial, São Gonçalo cresceu absurdamente. Isso se deve ao fato das grandes fazendas que foram desmembradas, e uma proximidade a Capital, induzindo a migração de muitos nordestinos que vieram para trabalhar nas indústrias e na cidade do Rio de Janeiro. Com o crescimento demográfico a todo vapor, houve um crescimento urbano não planejado.

Aconteceu o que o sociólogo francês, Pierre Bourdieu, define como a favelização de terrenos. Isto é, há uma família que reside em uma determinada casa. Quando as crianças dessa família crescem e se casam e não tem para onde irem. Assim, é construída uma casa, conhecida popularmente como um puxado, que pode ser construído ao lado, na frente, atrás ou até mesmo em cima da casa existente. Mas o que vale ressaltar é que ele é construído apenas aproveitando o espa-

ço existente, sem nenhum planejamento prévio.

O crescimento desordenado da cidade trouxe muitos problemas. Além da devastação da vegetação, os outros problemas são o saneamento básico precário em muitas localidades, e a falta de pavimentação em muitas ruas. Nos dias de chuva é um desastre total para quem mora nessas ruas.

Há outros sérios problemas na cidade de São Gonçalo como a falta de opção para o lazer. Faltam também saúde e educação de qualidade, apesar das estatísticas mostrarem um índice de 88,42% de alfabetizados na cidade. Na verdade, parece que há várias cidades dentro de São Gonçalo. Talvez, se os distritos fossem conectados por trens ou metrô, a cidade se tornaria mais compacta e não seria necessário morador de bairros mais distantes irem para Niterói descarregar suas necessidades.

A cidade possui um centro, que na verdade, é chamado de Rodo de São Gonçalo. Há um bairro em especial na periferia do Rodo de São Gonçalo, o Boaçu. O nome do bairro é indígena. Significa cobra grande. O Boaçu está localizado no oeste de São Gonçalo, e é um dos poucos bairros que faz divisa com a Baía de Guanabara. Este fato faz do bairro ser especial. Há dias que começam com a neblina da manhã e uma temperatura um pouco menor do que os outros bairros da cidade que não tem essa característica.

O Boaçu será o cenário principal, onde ocorrerá grande parte do que vai ser narrado a partir de agora.

Capítulo 1

Mesmo sendo vizinho do Rodo de São Gonçalo, o Boaçú, que, junto ao bairro Portão do Rosa, tem aproximadamente cinquenta mil habitantes, é um dos bairros mais pobres da cidade. Bom, pelo menos metade do bairro é. Essa metade tem início na Ponte. O lugar recebe este nome pelo fato de ter uma ponte que dá continuidade à rua principal do bairro passando sobre o rio Imboaçú. Rio que passa por boa parte da cidade. Na margem dele foi construída a Igreja Matriz de São Gonçalo. A outra metade, a menos favorecida, tem término no Barenco, também conhecido como Zeca Madureira. O nome Barenco se dá pelo fato de que na divisa do Boaçú com o Portão do Rosa ter a Escola Estadual Monsenhor Barenco Coelho. A pessoa que dá nome a escola, atualmente está enterrada na lateral direita da Igreja Matriz de São Gonçalo. O segundo nome é por causa do proprietário da padaria que fica na esquina da rua principal, Rua Alfredo Bahiense, e a Praça João do Pulo, em frente ao Barenco. O seu nome era Praça Imboaçú, sendo alterado pelo decreto n.º 063 de 1.999. A primeira parte do bairro, que tem início no Rodo de São Gonçalo e vai até a ponte, se localiza numa região plana. Já

a segunda parte do bairro, que vai da Ponte até o Barenco, está cercado de morros, totalmente dentro de um vale.

A rua principal, onde circula o transporte coletivo e demais veículos, está na parte mais baixa do vale. Tanto para a esquerda como para a direita dela só há morros. As ruas secundárias estão todas nesses morros, com algumas exceções. Elas são quase todas planejadas, não dando o caráter de favela. Isso se dá ao fato de ter sido o desmembramento de uma fazenda.

Essa parte do Boaçu é privilegiada por contornar a baía de Guanabara. Assim, uma coisa tem que ser dita, além do bairro ser bem arborizado, a vista do ápice de algumas ruas é linda. A Baía de Guanabara fica logo abaixo dos olhos, cercada pelos manguezais. Do outro lado da “poça”, apelido carinhoso dado à baía de Guanabara, enxerga-se o Cristo Redentor, o Pão de Açúcar e muitas outras belezas da cidade do Rio de Janeiro.

Mas todo esse olhar romântico, de quem viveu durante vinte e oito anos no bairro, é ofuscado pela violência marcada pelo tráfico de drogas e dos bailes funk comunitário.

Capítulo 2

A história de João da Silva, o protagonista deste livro, é uma mistura de ficção com algumas conversas de esquina de rua com amigos que ouviram alguém dizer que fulano de tal viu tal fato. Desta forma, nada do que está escrito neste livro pode se dizer verídico. Até porque, existe um ditado popular que diz: "quem conta um conto, aumenta um ponto".

João tem um porte físico fraco. Mede em torno de um metro e meio de altura. Mulato de cabelos rebeldes, bem curtinho, raspado à máquina nos lados, pretos. Têm olhos pretos, usa óculos de plástico azul, no estilo jovem, pois tem hipermetropia.

A sua casa é humilde. Os seus pais não têm muito dinheiro, como muitos brasileiros. Na pequena casa conjugada há uma cozinha com uma pia, um armário sob a mesma em que as portas são uma cortina de pano, fogão com quatro bocas e uma geladeira pequena, ambos com muita ferrugem. Banheiro com um chuveiro de água fria, pois para tomar banho de água quente é necessário esquentar a água no fogão. Um pequeno quarto com uma cama de casal. A sala que tem um sofá de três lugares e que também serve de quar-

to, pois João e seus dois irmãos, José e Joana, dividem um beliche com mais uma cama que fica guardada sob o beliche.

João mora no Buraco da Cobra. Localizado entre o Boaçu e o Mutuá. Parte do lugar fica no Boaçu, e a outra parte fica num bairro cujo nome é Mutuaguaçu. O Buraco da Cobra, como boa parte do Boaçu, também fica num vale. A diferença é que não há ruas pavimentadas e o saneamento básico é ainda mais precário. Não há transporte público e muito menos escolas e postos de saúde. Uma marca muito forte do Buraco da Cobra é a violência imposta pelo tráfico de drogas. Marca esta que se arrasta pelos bairros vizinhos como Mutuá, Portão do Rosa e o restante do Boaçu, que é afetado com mais força.

Em resumo, o Buraco da Cobra é um lugar abandonado pelas autoridades, e aterrorizado por facções criminosas do tráfico de drogas. O grande problema das pessoas de bem que lá moram, é estar no lugar errado e na hora errada. Certa vez, um amigo do tio de João estava voltando para casa após um show que ele foi assistir no clube Mauá. Isto já beirava às três horas da madrugada. Ele andava pela rua principal do bairro onde mora, Nova Cidade. Resolveu pegar um atalho, entrou em um beco que terminava num terreno vazio. A sua casa ficava a poucos metros do terreno. Ao chegar ao final do beco, ele escutou uma

conversa esquisita, onde ecoava três vozes alteradas. Diminuiu o passo e tentou ver o que estava acontecendo, quando avistou três pessoas: uma de joelho implorando pela sua vida e as outras duas em pé, apontando uma arma para a cabeça da primeira. Na mesma hora procurou um lugar para se esconder. Avistou uma moita no terreno quase ao lado de onde estava parado. Foi andando bem devagar, agachado, e se deitou atrás dela. Algum tempo depois, ecoou o som de três disparos. Neste momento parecia que o tempo havia parado. Os segundos demoravam a passar. A vontade era sair correndo, mas não podia, pois sabia que o seu futuro seria o mesmo. Assim, ficou deitado atrás da moita por quase meia hora, até ouvir uma mulher chorando. O som vinha do mesmo lugar de onde foram feitos os disparos. Ele sentiu que era o momento de ir embora sem ser percebido. Logo, sem deixar que outras pessoas o vissem, saiu de trás da moita e foi embora sem deixar rastros.

O que vale em São Gonçalo é a lei do silêncio, isto é, ninguém ouve e nem vê nada. Os moradores já se conscientizaram que a vida é mais importante do que a possibilidade de acontecer algo correto caso haja uma denúncia. Apesar de São Gonçalo ser uma cidade quase vizinha à cidade do Rio de Janeiro, pertencer à região metropolitana, herdar a violência do tráfico de drogas,

os políticos que chegam ao poder a tratam como uma cidade pequena e sem importância.

Vários problemas já foram relatados anteriormente. Mas existe um ainda pior. Muitos jovens moradores têm vergonha de dizer que moram na cidade. João não tinha esse sentimento, muito pelo contrário, achava que um dia poderia ajudar a cidade. Bom, os seus pais fizeram de tudo para ajudá-lo nos estudos. Assim, ele não precisaria fazer o que está para acontecer.

Capítulo 3

João estava iniciando a primeira série do primário, atualmente segundo ano do ensino fundamental. A sua vida era muito tranquila, alegre e feliz. Apesar de toda a pobreza, da falta de estrutura e da ausência do estado, ele e sua família viviam em harmonia. É claro, eles não sabiam que deveriam ter acesso aos serviços básicos oferecidos pelo estado, e nem que o salário mínimo deveria ser suficiente para que pudessem ter moradia, água, luz, alimentação, escola e lazer. Desta forma, não reclamavam de nada e nem se indignavam com alguma coisa além do que já tinham. Como disse um grande amigo: "a ignorância é uma dádiva de Deus".

Ele não disse esta frase porque queria ser ignorante, muito pelo contrário, mesmo tendo todos os sentimentos que tem no coração, prefere o caminho da lucidez, da informação. Mas o que tentou passar com esta frase foi que essas pessoas que não tem acesso às informações, que não conhecem os seus direitos, mas apenas os seus deveres, vivem muito melhor do que viveriam se soubessem de todas as coisas a que tem direito, sem ter o poder de exigí-los.

Na verdade, o que esse meu amigo sempre

me disse é que gostaria que todos os brasileiros tivessem consciência do que significam para o país, de sua importância, e exigisse tudo o que lhe fosse de direito, e que não houvesse ignorantes. Porque o pior ignorante não é aquele que não tem acesso à informação, mas aquele que a detém e a usa de forma errada.

É por causa desses ignorantes que João e muitas outras pessoas vivem numa situação precária.

Além da escola tradicional, João frequentava o catecismo na Igreja Nossa Senhora do Pilar. Sua família frequenta as missas todos os domingos as sete horas da manhã. Ele e seus irmãos não gostam de ir, pois tem que acordar às seis horas da manhã. Já não bastava acordar cedo durante a semana? Mesmo as crianças não gostando, a família toda acorda. Todos tomam banho, e enquanto a mãe prepara o café, o pai vai a padaria comprar pão. Na mesa tem café, leite, pão e manteiga. Após o café da manhã seguem para a igreja. Eles sempre chegam uns dez minutos antes e sentam no banco do meio. As crianças tem a sensação de que a missa nunca vai acabar. Depois dos avisos o padre abençoa a todos e se prepara para descer do altar. Todos devem esperar o padre sair da igreja para irem embora.

Para João e seus irmãos o domingo na igreja ainda não acabou. Os três tem aula de catecismo.

São mais duas horas na igreja. O catecismo é só uma hora, mas os seus pais ajudam com os afazeres durante a segunda missa do domingo. Nesse tempo livre, João, José, Joana e seus amigos aproveitam para brincar.

Eles chegam em casa por volta das onze horas da manhã. Só aí que a sua mãe vai preparar o almoço. O feijão já está pronto. Ela tempera sempre no sábado a noite, bastando esquentar. O arroz é sempre fresquinho. Normalmente a comida de domingo é frango. As vezes assado, as vezes com batata. Sempre há uma maneira diferente de fazer frango. O almoço normalmente é servido por volta das duas horas da tarde. Depois do almoço é servido um cafezinho fresquinho. Todos os domingos são assim. A família sempre reunida. À tarde as crianças vão brincar na rua com os amigos.

Às vezes, no início da noite, eles vão a Praça Zé Garoto para as crianças brincarem mais um pouco. A praça tem um espaço grande com balanço, gangorra e escorregador. Há um grande chafariz que faz várias coreografias com o jato d'água. Também existe um espaço mais reservado para os casais namorarem. O nome da praça é em homenagem ao dono de um armazém que existia no local.

Capítulo 4

João já estava na quinta série quando conheceu uma menina que o fez ficar paralisado. Uma linda jovem que ele rapidamente se apaixonou. O seu nome é Clara.

Clara também é uma menina bem humilde. Humilde no sentido financeiro, e também como pessoa. Seus pais são muito honestos e trabalhadores. Ela normalmente só vê o pai nos fins de semana, quando ele está de folga. Mesmo assim, existem finais de semanas que nem isso é possível. Porém, sempre que está em casa, faz questão de saber de tudo que aconteceu com ela enquanto estava fora. É um pai exemplar, que faz de tudo para sustentar a família.

Ela é branca, bem branquinha. Não pegava muito sol. Cabelos castanhos bem claros também. Olhos castanhos claros. Usa óculos bem femininos, com armação de plástico. Bem tímida.

Isso encantou João. Ele ficou maluco por ela. Amor platônico. Não conseguia ficar perto, pois todas as vezes que se aproximava dela, parecia que estavam brincando de estátua. Não saia nenhuma palavra de sua boca.

A única pessoa com quem João conseguia falar sobre Clara era o Orlando, seu grande amigo.

Eles passavam horas sentados na calçada em frente suas casas, ora na de João, ora na de Orlando. João lhe contava os seus segredos e os seus temores. A regra não fugia com Orlando em relação a João. Eram amigos confidentes.

Orlando é um menino branco, com cabelos lisos loiros. Olhos castanhos claros, com nariz arrebicado e bochechas inchadas. Mede em torno de um metro e quarenta centímetros de altura, nem magro e nem gordo. Gosta de usar camisetas de malha, bermuda e chinelo. Só coloca outro tipo de roupa quando vai para a escola, ou quando tem que sair com os seus pais, que é muito raro.

João mostrou para Orlando quem era Clara. Os dois ficaram paralisados admirados com a sua beleza. Não falavam nada. Os seus membros não se mexiam. Pareciam que estavam diante da coisa mais fantástica do mundo, ou talvez diante da coisa mais inexplicável do mundo.

— Não consigo entender Orlando. Todas as vezes que vejo ou chego perto de Clara o meu coração dispara. O meu corpo congela. Eu apenas queria falar ‘oi’ para ela, mas não consigo. É muito estranho.

— Também, ela é linda.

— Eu vi primeiro, hein!

— Pode deixar que eu não pretendo falar nada para ela. Palavra de Orlando.

Depois dessa conversa, muitas e muitas ou-

tras, onde o assunto principal era sobre Clara, aconteceram. Os dois sabiam de tudo que ela gostava: desde as roupas que vestia ao que gostava de comer. Mas isso tudo foi em vão. Terminou o ano letivo e nem João e nem Orlando se declararam para ela. Eles continuaram como se não existissem para Clara, e ela continuou sendo a utopia dos dois.